

TRADUÇÃO E MACHADO NACIONAL E INTERNACIONAL



LUANA FERREIRA DE FREITAS, PABLO CARDELLINO SOTO,
WALTER CARLOS COSTA

Este número monográfico de *Scientia Traductionis*, examina, como sugere o título, a rica relação entre Machado de Assis e a tradução. Essa relação é múltipla e está tanto no papel da tradução na formação do Machado leitor e escritor como na progressiva internacionalização do Machado escritor via tradução.

Abre o número o ensaio “Translating Machado de Assis / Traduzindo Machado de Assis”, de John Gledson. Redigido quando o autor esteve como professor visitante na PGET, Pós-graduação em Estudos da Tradução, da UFSC, ensaio que foi premiado no I Concurso Internacional Machado de Assis, promovido pelo Itamaraty em 2006. Fiel ao espírito da revista, publicamos o original em inglês, inédito, e sua tradução, que consta do volume *A obra de Machado de Assis*, publicada pelo Ministério de Relações Exteriores, e é republicada aqui com autorização do autor.

Ao longo do ensaio, Gledson dá conta da limitada produção intelectual sobre o estilo, a prosa e o ritmo de Machado e sustenta que a reflexão sobre o texto traduzido pode iluminar essas questões. Em um primeiro momento, Gledson faz um exame das escolhas tradutórias em fragmentos das traduções de *Memórias póstumas de Brás Cubas* e *Dom Casmurro* para o inglês, e, em seguida, analisa sua tradução do conto “Singular ocorrência”.

O segundo bloco de textos, intitulado **Machado de Assis tradutor**, trata uma faceta ainda pouco estudada de nosso maior escritor, e que vem despertando um interesse crescente entre os pesquisadores, a de tradutor.

O papel da tradução na consolidação da literatura brasileira é ressaltado por Helena Tornquist em “Tradução e recepção: textos dramáticos traduzidos por Machado de Assis”. Para ela, a atividade tradutória de Machado reflete uma prática geral entre os escritores do período e recorda a atividade tradutória de, entre outros, Olavo Bilac, Rui Barbosa, Carlos de Laet, sobretudo de textos de difusão da cultura francesa. A autora assinala que a tradução e a crítica de teatro francês, assim como a elaboração de pareceres sobre peças traduzidas para o Consultório Dramático, constituiu “o marco inicial da carreira do escritor” Machado de Assis. Chama a atenção também para o impacto da prática machadiana da tradução, que incluiu um amplo leque de autores com distintas posições no cânone francês, na elaboração de

sua própria dramaturgia; nessa prática caracterizada pela machadização dos textos, o escritor pôde adquirir e refinar procedimentos inovadores que marcariam sua ficção madura.

Ana Lúcia Lima da Costa, em “Machado De Assis e a tradução: singularidades da práxis machadiana em diálogo com outros tradutores”, afirma que Machado antecipa algumas questões centrais dos estudos da tradução, explorando, para isso, textos menos frequentados, como as crônicas. A autora vê proximidade entre ideias presentes em vários escritos de Machado e as concepções sobre a tradução defendidas, entre outros, por Walter Benjamin e Haroldo de Campos.

Em “Machado tradutor de Assis: A construção da identidade de tradutor no século XIX”, Lourdes Sette considera a figura de Machado de Assis paradigmática para a construção da identidade do tradutor em um momento em que o país se independiza e consolida sua literatura. Passando em revista a bibliografia existente sobre Machado tradutor, a autora sublinha a importância da tradução em toda sua carreira, destacando a crítica de Machado ao servilismo de certos tradutores perante o texto estrangeiro e seu combate pela autonomia da literatura nacional.

A seção **Machado de Assis traduzido** reflete a internacionalização de Machado via tradução, uma internacionalização tardia e precária, mas crescente e cada vez mais sistemática e sofisticada.

Seguindo uma pista encontrada na tradução do *Fausto* de Goethe, por António Feliciano de Castilho, Marta Pacheco Pinto investiga, em “A lira chinesa em trânsito: de Machado de Assis a António Feijó”, oito poemas chineses que fazem parte do volume *Phalenas* (1870), traduzidos da antologia *Le livre de jade*, organizada e traduzida para o francês por Judith Gautier, sob o pseudônimo de Judith Walter. A tradução desses poemas, escritos nas dinastias Tang e Song, testemunham o interesse de Machado pela literatura oriental, em sua expressão mais elaborada, muitas vezes à frente da literatura ocidental, interesse que encontraremos, décadas depois, no argentino Jorge Luis Borges. A autora estabelece um rico paralelo entre as traduções de Machado e as de António Feijó, que traduziu integralmente a antologia, conhecendo previamente as traduções parciais de Machado.

Com “Marcas de uma travessia: aspectos de seleção, tradução e publicação de contos de Machado de Assis em inglês”, Válmí Hatje-Faggion oferece um seleção de traduções da contística machadiana para o inglês, examinando quatro antologias publicadas entre 1921 e 2008. Utilizando um amplo leque de teóricos dos estudos da tradução, a autora examina os critérios de seleção, o perfil dos tradutores e das editoras, e o paratexto que acompanha as diferentes antologias.

Bethania Guerra de Lemos, em “O conto machadiano entre a tradução, a circulação cultural e as novas construções conceituais”, salienta o papel de Machado no cenário das literaturas da América Latina, em que ele ocuparia o papel de fundador do conto moderno na América de língua portuguesa e espanhola, e de precursor, utilizando procedimentos inovadores, que seriam utilizados mais tarde por Horacio Quiroga e Jorge Luis Borges. Na segunda parte de seu artigo, a autora apresenta a tradução de 30 contos de Machado, que inclui alguns contos vertidos pela primeira vez para o espanhol e foi realizada em colaboração com Juan Bautista Rodríguez Aguilar para a editora espanhola Pre-Textos.

Em “Nomes próprios em *Dom Casmurro*: opções de tradução em inglês e francês”, Cynthia Beatrice Costa examina como traduções recentes para o inglês e o francês trataram a espinhosa questão do nome próprio. A autora, utilizando as categorias formuladas por Berman, assinala que tradicionalmente havia uma tendência

à tradução “etnocêntrica” dos nomes próprios, adaptando-os à cultura de chegada, mas as novas traduções registram uma guinada na direção oposta, sistemática na tradução inglesa e um tanto errática na tradução francesa.

José Roberto Andrade Féres, em seu artigo “Edições bilíngue (português/francês) e unilíngue (francês) de ‘O Alienista’ de Machado de Assis: domesticação, estrangeirização e modalidades linguísticas em duas traduções de mesma autoria”, usando categorias de Lawrence Venuti e Bernard Pottier, debruça-se sobre duas traduções para o francês de Maryvonne Lapouge-Pettorelli da clássica novela de Machado. As duas traduções, respectivamente de 1995 e 2005, se revelam um campo fértil para uma análise que une estudos da tradução e estudos linguísticos e que examina tanto a modalização como o paratexto.

Em “Machado de Assis’s The Turkish Slipper: Translation Revealing Its Narrative Workings”, Rosalia Neumann Garcia expõe, em detalhe, o processo de tradução do conto “A Chinela Turca”, de Machado de Assis, traduzido para o inglês dentro do projeto de pesquisa Tradução Literária e seus Desdobramentos, realizado no âmbito do Instituto de Letras da UFRGS. Um dos frutos do projeto, que procurou recriar em inglês a riqueza verbal do texto machadiano, foi a publicação do volume *Machado de Assis Anthology*, em versão Kindle.

Sigfrid Frömming, em “Análise da tradução de *Dom Casmurro* para o alemão à luz das teorias de Torop”, utiliza as categorias elaboradas pelo pesquisador de Tartu para tornar evidentes os procedimentos da tradução realizada por Harry Kaufmann do clássico machadiano. O modelo de Torop permite ao autor desvelar sistematicamente alguns aspectos da estratégia do tradutor, em especial a ausência de recodificação microestilística e a “manipulação sociopolítica”.

Finalmente, “O ethos discursivo na tradução literária: interfaces e contrapontos sob uma ótica linguística”, de Vanessa Silva Fischer e Heloísa Orsi Koch Delgado, analisa duas traduções para o inglês do conto “A Cartomante”, de Machado de Assis, respectivamente de Isaac Goldberg (1921) e Rosália Garcia (2011). Utilizando conceitos da análise do discurso, as autoras relacionam as escolhas dos tradutores ao seu *ethos discursivo*, conceito de Dominique Maingueneau que se refere ao discurso próprio a cada enunciador.

A tradução intersemiótica é objeto também do artigo “Machado em quadrinhos: aspectos discursivos de uma tradução intersemiótica”, de Lucas Piter Alves Costa. A partir da análise do discurso, o autor examina os efeitos de sentido na passagem do texto machadiano para quadrinhos, materializados, entre outros, na mudança do tipo de narrador e de episódios narrativos em imagens e diálogos.

Em “Tradução ou Adaptação? Uma análise da versão do poema ‘O Corvo’ para os quadrinhos”, Juliana Mendes de Oliveira discute a relação entre Estudos da Tradução e Estudos da Adaptação e faz um fina análise da história em quadrinhos *O Corvo*, de Luciano Irrthum, uma inusitada “tradaptação” do famoso poema de Edgar Allan Poe, a partir da tradução para o português de Machado de Assis.

Na seção “Entrevista”, o número apresenta o testemunho privilegiado de John Gledson, que reúne diferentes virtudes: profundo conhecedor da obra e vida de Machado, da história do Brasil e internacional da época de Machado, um dos mais reconhecidos críticos machadianos e um tradutor e anotador cuidadoso. Nesta entrevista, Gledson sintetiza a leitura minuciosa do conjunto da obra de Machado, assim como de toda a emaranhada rede intertextual dos textos machadianos, a história do Brasil e, *last but not least*, sua longa experiência de crítico e tradutor de Machado.

Antes do dossiê de tradução comentada do conto de “O cônego ou metafísica do estilo”, apresentamos três textos que, acreditamos, enriquecem particularmente este número. O primeiro é a reprodução do posfácio da tradução alemã de *Memorial de Aires* em alemão (*Tagebuch des Abschieds*. Berlim: Friedenauer Presse, 2009), de autoria do tradutor, Berthold Zilly, intitulado “Ein nostalgischer Spötter”, e de sua tradução para o português, intitulada “Um galhofeiro nostálgico” feita especialmente para este número por Simone Homem de Melo. Nesse posfácio, o tradutor, que é também um dos maiores conhecedores da literatura brasileira no exterior, nos apresenta uma visão pessoal de *Memorial de Aires*, que interessará, acreditamos, tanto aos estudiosos de Machado como aos estudiosos da tradução. O segundo é “Commentaires de la traduction de la nouvelle « Éloge de la vanité » de Machado de Assis, publiée en 1878”. Nele, uma tradução comentada de “O elogio da vaidade”, Jean-François Brunelière situa o conto no conjunto da obra de Machado, explicita seu projeto tradutório e procura recriar em francês alguns traços do estilo frequentemente apagados nas traduções do texto machadiano para outras línguas. O terceiro, e último texto, é uma resenha-tributo de Fernanda Maria Alves Lourenço ao livro pioneiro de Eliane Fernanda Cunha, colega que nos deixou tão prematuramente.

Luana Ferreira de Freitas

luanafreitas.luana@gmail.com

Universidade Federal do Ceará

Pablo Cardellino Soto

pablocardellino@gmail.com

Doutorando Capes/PGET – Universidade Federal de Santa Catarina

Walter Carlos Costa

walter.costa@gmail.com

Universidade Federal de Santa Catarina

Universidade Federal do Ceará

Pesquisador do CNPq